

Arqueologia e Linguística Histórica das Línguas Indígenas da América do Sul

Os dois primeiros números do volume 5 da Revista Brasileira de Linguística Antropológica reúnem contribuições sobre a pré-história linguística e cultural da América do Sul. São 16 artigos correspondentes a conferências e comunicações apresentadas no âmbito do Congresso Internacional “Arqueologia e Linguística Histórica das Línguas Indígenas da América do Sul”, realizado na Universidade de Brasília, de 24 a 27 de outubro de 2011, o qual contou com o fundamental apoio da CAPES, do CNPq, e de duas Universidades associadas, a Pontifícia Universidad Católica del Perú e a Universidade de Brasília, através do seu Instituto de Letras.

O encontro foi fruto da cooperação científica entre pesquisadores peruanos e brasileiros com o intuito de contribuir para a consolidação de uma associação crescente entre pesquisadores de instituições latino-americanas, visando ao desenvolvimento das ideias sobre o povoamento da América do Sul e a diversificação linguística ocorrida nessa parte do mundo.

Para a realização do evento uniram-se Aryon Dall’Igna Rodrigues e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, ambos pesquisadores permanentes do Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília, aos linguistas Rodolfo Cerrón Palomino, da Pontifícia Universidad Católica del Perú, e Pilar Valenzuela, da University of New Chappel, EUA. Esta associação abriu novas perspectivas para ampliar a rede de investigadores acerca da interface Arqueologia e Linguística Histórica, tema de tão grande relevância para o desenvolvimento do conhecimento sobre os povos pré-históricos da América do Sul, sobre os agrupamentos de línguas geneticamente relacionadas, sobre os fenômenos linguísticos areais encontrados em regiões determinadas, e sobre as características linguísticas dessas línguas.

No volume 1 Peter Kaulicke, a partir de uma perspectiva arqueológica, apresenta um panorama complexo, dinâmico, multidirecional de desenvolvimentos independentes e de intercomunicações de diferentes intensidades e alcances de povos associados às etiquetas “andino” e “amazônico”, as quais, como argumenta Kaulick, são simplificações baseadas em preconceitos políticos e indigenistas insustentáveis, principalmente em suas dimensões históricas e pré-históricas. Rodolfo Cerrón-Palomino, fundado em contribuições do trabalho interdisciplinar, principalmente da linguística, da etno-história, da arqueologia e da genética, demonstra que, algumas narrativas

registradas sobre os Incas nos séculos XVI e XVII por cronistas espanhóis, as quais foram subestimadas pela historiografia canônica, na realidade contêm uma história plena de realismo e verdade, como é o caso da origem lacustrina (proveniente do Lago Titicaca dos Incas) e de sua língua ancestral, que não teria sido nem o Quêchua nem o Aimara, mas o Puquina. Willem F. H. Adelaar apresenta evidências de que, embora a divisão tradicional da família Quêchua em dois conjuntos dialetais continue válida, o caráter assimétrico da relação entre os dois ramos merece maior atenção. Adelaar mostra que a diversidade interna própria a cada grupo diferencia as suas respectivas histórias uma da outra. Maria Emília Montes discute uma hipótese de relações genéticas entre as famílias Sáliba-Piaroa, Tikuna-Yurí (e Andoke), sem, no entanto, descartar outras hipóteses de que semelhanças linguísticas entre elas seriam tipológicas ou frutos de contato. Fernando Orphão de Carvalho reúne um conjunto de correspondências sonoras regulares encontradas em vocabulários lexicais e correspondências em itens gramaticais nas três línguas usualmente apontadas como constituindo a família linguística Záparo, o Iquito, o Arabela e o Záparo, concluindo que as evidências por ele reunidas são suficientes tanto para avançar uma compreensão das mudanças sonoras que atuaram na diversificação dessas línguas a partir do seu ancestral comum, quanto para qualificar como improváveis afirmações sobre a afiliação do Omurano a essa família. Pilar M. Valenzuela trata o traço tipológico conhecido como “concordância do participante” nas línguas pertencentes a diferentes subconjuntos da família Pano, propondo que esse traço teria feito parte da gramática do Proto-Pano. Segundo Valenzuela, a discussão sobre o possível desenvolvimento diacrônico desse sistema conduz a uma hipótese acerca da existência de um sistema de marcação de caso tripartido em Proto-Pano. Roberto Zariquiey Biondi oferece um estudo comparativo dos materiais de Tessmann contendo dados do Kaschibo, considerando dados contemporâneos do Cashibo-Cacataibo e pondo em evidência mudanças fonéticas e fonológicas relevantes para a compreensão da diacronia dessa língua Pano. Pedro Marín Silva trata da história do genocídio de grupos indígenas colombianos, a partir da realidade dos Coreguajes (2.300 indivíduos, aproximadamente), que vivem nas beiradas dos principais rios dos departamentos de Caquetá e Putumayo, epicentro da guerra entre narcotraficantes, guerrilha e exército colombianos. Thiago Chacon propõe a reconstrução de 107 palavras relacionadas à cultura material comum a povos indígenas amazônicos, em especial do noroeste amazônico, concluindo que houve um processo claro de diferenciação cultural entre os dois ramos principais da família Tukáno, como reflexo da integração de cada ramo da família em diferentes sistemas interétnicos regionais.

No volume 2, Lyle Campbell apresenta uma das mais relevantes contribuições para os estudos areais envolvendo línguas da América Sul. O autor examina vários aspectos envolvendo línguas em contato da região do Chaco, discutindo

especificamente mudanças inesperadas em situações de intenso contato. Campbell considera possíveis explicações para a resistência ao empréstimo lexical, avalia hipóteses sobre línguas mistas nessa região e investiga difusão de traços linguísticos e determina se o Chaco é uma área linguística. J. Pedro Viegas Barros demonstra que há entre Guaicurú y Mataguayo uma quantidade considerável de similaridades no léxico básico, como, por exemplo, no que diz respeito a verbos de movimento, nomes de partes do corpo, assim como há um grande isomorfismo gramatical. Segundo Barros, essas similaridades parecem ajustar-se a correspondências fonológicas regulares. Esses fatos levam o autor a considerar a hipótese de parentesco Guaicurú-Mataguayo sumamente prometedora. Eurico Theofilo Miller aborda o estágio insipiente das cerâmicas com as quais se deparou ao longo de sua prática arqueológica, mostrando que a análise do acervo arqueológico existente aponta para uma riqueza imensurável de várias Tradições de cerâmica, reveladoras da antiguidade da cerâmica em várias regiões da América do Sul, da origem e rotas de difusões dessas tradições, assim como da agricultura e aldeamentos. Beatriz Carretta Corrêa-da-Silva apresenta uma reconstrução parcial da sociedade e da cultura Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní, com base no léxico reconstruído para o Proto-Tupí e suas formas cognatas em Proto-Tupí-Guaraní, Sateré-Mawé e Awetí. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Aryon Dall'Igna Rodrigues e Dulce do Carmo Franceschini propõem uma hipótese reconstrutiva dos prefixos relacionais da língua Mawé, sublinhando as motivações para as mudanças fonológicas sofridas nas respectivas formas desses prefixos, as quais resultaram em novos alomorfes e contribuíram para a redistribuição de temas em novas classes e subclasses temáticas. Tabita Fernandes da Silva demonstra que o modo Indicativo II em Tembé e em Guajajára, embora preservado em várias situações, apresenta inovações em pleno desenvolvimento, as quais diferenciam essas duas línguas das demais línguas da família Tupí-Guaraní em que a tendência tem sido o desaparecimento total desse modo, como ocorreu em Ka'apór, em Zo'é e em Emérillon. Andérbio Márcio Silva Martins, com base em dados do Guató apresentados em Palácio (1984), desenvolve uma hipótese segundo a qual o Guató era uma língua de padrão ergativo e que rearranjos estruturais sofridos ao longo do tempo deixaram apenas alguns indícios desse alinhamento.

Os artigos publicados nestes dois números do volume 5 da RBLA respondem às expectativas da política editorial, consistindo em contribuições que se somam na busca de provas científicas sólidas para a reconstrução da pré-história linguística e cultural do nosso continente. As contribuições põem em evidência a importância da interdisciplinaridade na fundamentação de hipóteses sobre proto-línguas, movimentos demográficos pré-históricos dos falantes dessas línguas, de onde para onde, dos contatos interétnicos estabelecidos ao longo desses movimentos e das consequências destes para mudanças linguísticas e culturais desses povos.

Com estes dois números, a Revista Brasileira de Linguística Antropológica retoma do seu histórico o tema da pré-história linguística e cultural, de forma destacada, como o fez pela primeira vez em seu número 1 do volume 1, agora com um número significativo de contribuições que associam Arqueologia, História, Linguística Histórica e Genética.

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Jorge Domingues Lopes